

O recado de Sarney ao FMI: crescimento econômico é inegociável.

Em Montevideu, ele afastou a hipótese de romper com o Fundo. Mas advertiu que a economia não suporta mais reajustes.

O acordo com o FMI ainda não foi firmado por desencontro de pontos de vista, porque o Brasil insiste em manter uma taxa de crescimento anual de 5% e considera já ter feito os reajustes suportáveis por sua economia", afirmou o presidente José Sarney em entrevista coletiva à imprensa em Montevideu. Ele reiterou que o Brasil se manterá "absolutamente firme" na defesa de seus interesses e soberania, sem abrir mão dos aspectos que considera inegociáveis, como a manutenção do crescimento econômico do País, embora continuem as negociações com o Fundo.

O presidente José Sarney acrescentou que pelo aspecto financeiro é difícil a negociação conjunta da dívida externa dos países latino-americanos, devido às características peculiares de cada um deles, classificando a negociação conjunta como "desejável mas impossível". Sarney voltou a defender a necessidade de modificação da ordem econômico-financeira internacional, mas frisou que não se trata de politizar o problema econômico e dar-lhe conotação ideológica: "Não estamos interessados em transformar a dívida externa e a situação dela decorrente num instrumento de confrontação Leste-Oeste ou estabelecer impasses", observou o presidente brasileiro. "A ordem econômica que aí está contém o germe da injustiça e essa injustiça não vai poder perdurar", acrescentou.

Sarney respondeu durante uma hora a 19 perguntas dos jornalistas, a maioria uruguaios, na sede da prefeitura de Montevideu, tendo ao lado o chanceler Olavo Setúbal e o embaixador Eduardo Hosanah. Sarney destacou também a consolidação do processo democrático nos dois países; afirmou que o restabelecimento das relações diplomáticas com Cuba está dependendo da avaliação do Conselho de Segurança Nacional, como determina a legislação brasileira; e revelou que o Brasil não

vai participar de uma força de paz para vigiar a fronteira entre Nicarágua e Costa Rica, conforme foi cogitado pelo governo nicaraguense: "Temos outras formas de ajudar a solução pacífica para o problema da América Central", disse o presidente. Em resposta a uma única pergunta sobre assunto interno, Sarney disse que a reforma agrária entrará em fase de execução dentro de um mês, após análise das sugestões recebidas sobre o projeto.

Perguntado de que maneira as ditaduras do Chile e do Paraguai prejudicam os esforços de unificação do Cone Sul em torno da democracia, Sarney respondeu: "A política do Brasil tem sido sempre a de não intervenção, a de respeito à autodeterminação dos povos. (...) Em relação aos nossos partidos, os partidos políticos, eles têm todo o direito de examinar o problema sob o ângulo de suas idéias. E nós não podemos de nenhuma maneira deixar de dizer que todos nós ficaríamos extremamente satisfeitos, desde que a democracia se fortificasse em todas as áreas do continente".

Comunicado

No comunicado conjunto assinado pelos presidentes José Sarney e Júlio Sanguinetti, os dois defendem a união latino-americana como indispensável para enfrentar os problemas econômicos internacionais, como as dívidas e o protecionismo.

Quanto à dívida externa, o comunicado considera urgente, com a participação dos países credores, "buscar o encaminhamento satisfatório do problema, considerado em seus múltiplos aspectos políticos, sociais e econômicos, como medida indispensável para consolidar o processo de institucionalização democrática das nações latino-americanas".

Os dois presidentes reiteraram a disposição de pagar a dívida através do crescimento sustentado de suas economias e não da redu-

ção do nível de vida dos dois povos.

O documento condena o regime de *apartheid* de segregação racial, da África do Sul; reconhece a soberania argentina sobre as ilhas Falklands (Malvinas); defende a desmilitarização do Atlântico Sul, bem como o desarmamento geral, principalmente nuclear; apóia os esforços do Grupo de Contadora para resolver pacificamente os conflitos da América Central; defende o fortalecimento da Aladi — Associação Latino-Americana de Desenvolvimento e Intercâmbio; e anuncia que o presidente Sanguinetti aceitou o convite de Sarney para visitar o Brasil, em data a ser acertada.

Os principais jornais de Montevideu deram grande destaque aos acordos bilaterais de comércio ontem firmados, destacando principalmente a compra, pelo Brasil, de arroz, carne e batata do Uruguai. Os protocolos de acordos e convênios assinados pelos dois presidentes, num total de 14 documentos, envolvem desde intercâmbio universitário, passando pela formação de comissões no âmbito do Tratado de Amizade de 1975, até um protocolo de cooperação no setor de telecomunicações e experiências com televisões educativas.

A volta

Depois de um encontro com o presidente Sanguinetti, no Hotel Victoria Plaza, e de conhecer o Museu Cabildo e duas livrarias, Sarney e comitiva seguiram para o Aeroporto de Carrasco, de onde, após as cerimônias oficiais, iniciaram às 13h a viagem de volta a Brasília.

A chegada foi às 16h e o comentário geral era o de que a missão brasileira cumpriu todos os objetivos. Sarney e dona Marly foram recebidos à porta do avião por dona Mora e Ulysses Guimarães, que, com um aperto de mão, formalizou o fim de sua interinidade como presidente.

**José Fonseca Filho,
enviado especial.**